

**Artigo de Pesquisa****GEOGRAFIA E EXISTÊNCIA NA OBRA O PEQUENO PRÍNCIPE****Geography and existence in the work the little prince**Felipe Kevin Ramos da Silva<sup>1</sup><sup>1</sup> Universidade Estadual do Pará, Departamento de Geografia, Belém, Brasil. E-mail.[prof.felipekevingeo@gmail.com](mailto:prof.felipekevingeo@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0003-3881-8791>

Recebido em 12/02/2023 e aceito em 13/06/2023

**RESUMO:** O presente artigo é uma tentativa de demonstrar a complexidade geográfica presente no pensamento do aviador e escritor francês Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), tendo como ícone de reflexão a obra O Pequeno príncipe (Le Petit Prince), de 1943. Neste voo, se reconhece essa famosa literatura enquanto obra filosófica que muito tem a contribuir para o pensamento geográfico enquanto linguagem própria de quem habita. Metodologicamente, adota-se uma análise dialógica, onde não há, necessariamente, uma ordem de leitura linear, mas um movimento de ida e volta a fim de verificar uma grafia existencial que perpassa por todas geonarrativas da obra. Para este voo epistemológico, convida-se pensadores como Nietzsche, Heidegger, Merleau-Ponty em seus diferentes pontos de reflexão a caminho do desvelamento do ser-geográfico presente na obra central deste ensaio.

**Palavras-chave:** Dasein; Imaginação; Geograficidade; Humanismo.

**ABSTRACT:** This article is an attempt to demonstrate the geographic complexity present in the thinking of the French aviator and writer Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), having as an icon of reflection the work Le Petit Prince (1943). flight, this famous literature is recognized as a philosophical work that has much to contribute to geographical thought as the language of those who inhabit it. Methodologically, a dialogic analysis is adopted, where there is not necessarily a linear reading order, but a back and forth movement in order to verify an existential spelling that permeates all geonarratives of the work. For this epistemological flight, thinkers such as Nietzsche, Heidegger, Merleau-Ponty are invited in their different points of reflection on the way to unveiling the geographic being present in the central work of this essay.

**Keywords:** Dasein; Imagination; Geographicity; Humanism.

**RÉSUMÉ:** Cet article tente de démontrer la complexité géographique présente dans la pensée de l'aviateur et écrivain français Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), ayant pour icône de réflexion l'œuvre Le Petit Prince (1943). la littérature est reconnue comme une œuvre philosophique qui a beaucoup à apporter à la pensée géographique en tant que langue de ceux qui l'habitent. Méthodologiquement, une analyse dialogique est adoptée, où il n'y a pas nécessairement un ordre de lecture linéaire, mais un mouvement de va-et-vient afin de vérifier une orthographe existentielle qui imprègne tous les géorécits de l'œuvre. Pour cette envolée épistémologique, des penseurs tels que Nietzsche, Heidegger, Merleau-Ponty sont invités dans leurs différents points de réflexion sur la manière de dévoiler l'être géographique présent dans l'œuvre centrale de cet essai.

**Mots-clés:** Dasein; Imagination; Géographie; L'humanisme;

## INICIANDO A VIAGEM...

“Esta é, para mim, a mais bela paisagem do mundo...”, disse Saint-Exupéry (2015, p. 93), triste ao perceber que seu Pequeno Príncipe havia retornado ao seu planeta, à sua casa.

Saint-Exupéry fala do sentido de *lugar*, correspondente às suas experiências, o que o cerca, o que atravessa seu espírito. Seu corpo reclama um lugar e este, por sua vez, ecoa familiaridade com a natureza, a paisagem circundante. Para além da categorização, *lugar* nos faz lembrar nossas intimidades, relações, nossa casa. Lugar e paisagem, portanto, estão interconectados e nos remete a um sentido próprio de mundo onde a vontade de viver, de existir é o nosso mantra diário: a realidade geográfica.

Dimensões essas que Eidorfe Moreira em *Idéias para uma concepção geográfica da vida* (1989) os ensina a pensar e, sobretudo, a compreender que a realidade geográfica deve transcender seu trato idealista e positivista, isto é, categórico de herança kantiana e cartesiana, respectivamente. A realidade geográfica ganha um novo sentido interpretativo, ou seja, a descritividade como arranjo metodológico e epistemológico, e isso inclui, evidentemente, críticas às bases da “geografia moderna”, na qual deve abrir mão de sua tendência geométrica da realidade, avançando para além das representações estereotipadas da subjetividade, conforme orienta Moreira (1989).

Essa concepção moderna sobre a natureza seria o que Eric Dardel em *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (2015) chama de “desnaturalização” da natureza, alterando, por sua vez, o próprio sentido de *lugar*. De forma procedente, pode-se compreender, segundo Eric Dardel, que o lugar por meio das intencionalidades humanas, estaria ontologicamente associado à natureza, esta por sua vez, entendida, conforme Alexandre Von Humboldt em *Cosmos*, como fonte de liberdade (HUMBOLDT, 2005). A natureza, por essas vias, surge aqui como abertura ao maravilhamento e sentidos de vida, na medida em que, de um modo geral, as sociedades, tomam forma e consciência de si mesmas.

O ser humano associa-se a natureza não por pura interiorização, convertendo a complexidade à sistemas figurativos, fonte de excitação ocular, mas por experimentação espacial, dando sentido e valor autêntico não somente a natureza em si, mas, sobretudo, a autenticidade da *relação* que há entre homem e natureza ou sociedade-natureza. Anuncia-se, neste momento, o que será de suma importância para o entendimento relacional entre a obra *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) e a ciência geográfica. Pode-se destacar inclusive, a abertura fenomenológica do *Pequeno Príncipe*, seu primado ontológico e suas reverberações geográficas a partir das experiências.

Acredita-se que a obra em questão traz a experiência de forma única e de singular relevância epistemológica à geografia, sobretudo no que se refere ao sentido de natureza enquanto liberdade, do cuidado com o lugar e a importância do sentimento de pertencimento, ligação íntima com a casa. Daí a perspectiva bachelardiana, quando auxilia-nos na medida em que o filósofo trabalha o conceito de “topofilia”,

conceito este resgatado pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (2012) para compreender o lugar na dimensão da experiência.

O que o jovem príncipe faz? Experiência terras incógnitas. Trata-se de trazer à luz a importância da ciência geográfica como fenômeno semântico da experiência humana, isto é, uma linguagem própria que organiza os espaços na consonância verbal de quem habita ou de quem se possibilita a aventurar-se pelo mundo, abrindo mão de categorias adjetivadoras da realidade.

A própria metafísica clássica cai por terra nesse sentido, ao modo que as dimensões envolventes do ser que estão interconectadas entre si, tal como a linguagem, pensamento e habitação, por exemplo, emergem como o primado latente da percepção<sup>1</sup> de mundo. Habitar, portanto, para além da materialidade formal do pensamento em si como objeto puramente ocular, anuncia, agora, a pulsante percepção de construir e pensar o espaço dentro do que é possível de ser, no mundo.

Nesse sentido, o objetivo do artigo concentra-se em evidenciar o pensamento geográfico presente no conteúdo filosófico da obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), escrita em 1943, um ano antes do falecimento do aviador francês. Pretende-se, portanto, demonstrar a relevância desta pequena-complexa obra escrita num período tão turbulento na Europa, estimulando reflexões que transcendam a concepção moderna/adulta/tecnicista de ciência junto ao seu dito “rigor” acadêmico (MERLEAU-PONTY, 1994).

Revela-se, em meio a esse labiríntico mundo imaginativo, as potencialidades de uma geografia forjada enquanto vontade de viver e, ao mesmo tempo, como negação da vida adulta, entendida como cons-ciência moderna de herança positivista, cartesiana e quantificadora dos lugares. Para este empreendimento, o artigo organiza-se em três momentos: a) a importância essencial da geografia a partir da experiência geográfica; b) a imaginação como recurso indispensável para pensar a geografia enquanto “consciência reflexiva”; c) conclusão, em que se busca uma síntese de pensamento, de um modo geral, questionando-se: quanto a geografia dispõe por, ainda assim, desconsiderar demasiadamente as experiências humanas como ícones referencias de estudos e pesquisas?

## A LUCIDEZ DE VIVER COMO EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA

“Nas tuas mãos, estão meus dias”, disse Cristo na cruz<sup>2</sup>. (SALMOS 31:15).

---

<sup>1</sup> Segundo Merleau-Ponty, “A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro, não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 6).

<sup>2</sup> BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

A experiência é uma das dimensões humanas que nos coloca em jogo todos os dias; um contato com outras consciências, portanto, um estar-com. A experiência pode ser uma abertura, possibilidade<sup>3</sup> do ser, no mundo, como fenômeno, permitida pela consciência enquanto meio (NIETZSCHE, 2010). A percepção, nessa conjuntura, nasce como uma espécie de ação recíproca da consciência-mundo, mais que um conjunto da estrutura ocular, ou tão somente tudo aquilo que a visão alcança ou é reflexo desta. A percepção é uma atitude que atribui valor significativo à paisagem por meio das experiências. É mais que os olhos enxergam, isso porque é aquilo que o corpo sente.

Em síntese, “a percepção passa a ser uma complexidade de impulsos determinados e indeterminados, que geram um comportamento pensante contínuo que tudo quer entender [...]” (SILVA, 2000, p. 13). O *Pequeno Príncipe* em vários diálogos tudo quer saber... Com referência em Nietzsche (2010), anuncia-se o diálogo entre o espaço/campo global e o espaço/campo vivido. Além disso, chama-se atenção para dizer que o espaço é construído por experiências, é pensamento em ação, portanto, emoção, intencionalidades de relações intersubjetivas que recorrem à consciência como *meio* descritivo do espaço/campo global ou objetivo em espaço/campo vivido.

De forma procedente, o espaço é um conjunto de choques entre experiências, logo, vários “querer”, afinal, o ser é multiplicidade, e se o espaço é uma construção humana, como afirma Tuan (2013), pode-se firmar que falar de espaço é falar dos conjuntos complexos recheados de intencionalidades (pensamentos/planejamento), de emoções (fobias/filias). Esse “querer”, que seria um “comandar”, “na medida em que esse ato consciente supõe um ato inconsciente” (NIETZSCHE, 2010, p. 399), pode ser traduzido por aquilo que Dardel (2015) reconheceu como “geografia em ato”.

A experiência vivida com o Pequeno Príncipe, no deserto do Saara, continente Africano, é uma coexperimentação transcendental de si para o mundo, no contato sensível com outros modos de ser-no-mundo, ou seja, geografias se interconectando, desvelando um tipo de “consciência reflexiva” (SARTRE, 2008) “da capacidade humana de projetar-se, que surge a partir de uma consciência experienciada que irá resguardar o presente vivido [a memória]” (SILVA, 2015, p. 81-82). Daí a importância da imaginação, do imaginário, da consciência experienciada.

Em síntese, nas palavras de Wright (2014):

Em todo caso, quanto menos imaginativos somos, menos abertos para a admiração ou a curiosidade, e geógrafos de imaginação fraca – já que se deve admitir que alguns poucos existem – são impelidos por diferentes

---

<sup>3</sup> Nesse sentido, “a possibilidade como existencial não significa um poder-ser solto no ar, no sentido da ‘indiferença do árbitro’ (*libertaas indifferentiae*). Enquanto algo essencialmente disposto, a presença já caiu em determinadas possibilidades e, enquanto o poder-ser que ela é, já deixou passar tais possibilidades, doando continuamente a si mesma as possibilidades de seu ser que está entregue à sua responsabilidade, é a possibilidade de ser livre para o poder-ser mais próprio. A possibilidade de ser é, para ela mesma, transparente em diversos graus e modos possíveis” (HEIDEGGER, 1988, p. 199).

motivos. **Eles seguem as pegadas de outros**, imitando padrões estereotipados [...] (WRIGHT, 2014, p. 8 [grifo meu]).

As palavras de Wright (2014) lembram quando o Pequeno Príncipe finalmente chega ao sétimo planeta, a Terra. Neste novo ambiente, no contato com uma natureza única, com animais e vegetais próprios, o jovem Príncipe fica surpreso, pois não encontrara nenhum ser humano. Pois bem, diante deste fato vai à procura, sobe em montanhas onde conversa com o “eco”. O Pequeno Príncipe acredita ser um homem o “eco”, e pensa o seguinte: “...os homens não têm imaginação. Repetem o que dizemos...” (SAINT-EXPURÉRY, 2015, p. 62). Vale sempre lembrar que, aqui, “homem”, como adulto, é traduzido como “ciência moderna”, ou, mais especificamente, em “geografia moderna” que, conforme Moreira (1989), carrega em si a herança reprodutivista de princípios geométricos, e, portanto, de pouca imaginação. O geógrafo do sexto planeta seguia as pegadas de outros, representava padrões, enfim, era como um “eco”, imitava.

No capítulo XX, o Pequeno Príncipe descobre uma estrada que possivelmente o levará aos seres humanos. Nesse percurso, ele encontra um campo de rosas, cinco mil rosas para ser mais exato. Ele fica surpreso! Poderia ficar feliz, também, afinal, um campo com cinco mil rosas é algo bonito de se ver. Porém, sua reação foi contrária à expectativa comum. A rosa de seu planeta, “havia lhe contado que ela era a única de sua espécie em todo o universo. E eis que havia cinco mil, todas iguais, num só jardim!” (SAINT-EXPURÉRY, 2015, p. 62). “Ela teria vergonha”, disse o Pequeno Príncipe, e prossegue: “Eu me julgava rico de possuir uma flor única, e tenho apenas uma rosa comum [...] E, deitado da relva, ele chorou” (SAINT-EXPURÉRY, 2015, p. 63). O Pequeno Príncipe toma consciência da banalidade que é sua flor, sua rosa, afinal, ela é mais uma em meio a tantas que existem. E foi, então, nessa confusão de sentimentos, no Capítulo XXI, que a ele a raposa se manifesta:

[...] – Claro – disse a raposa. – Tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outros raposa. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Será para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (SAINT-EXPURÉRY, 2015, p. 66).

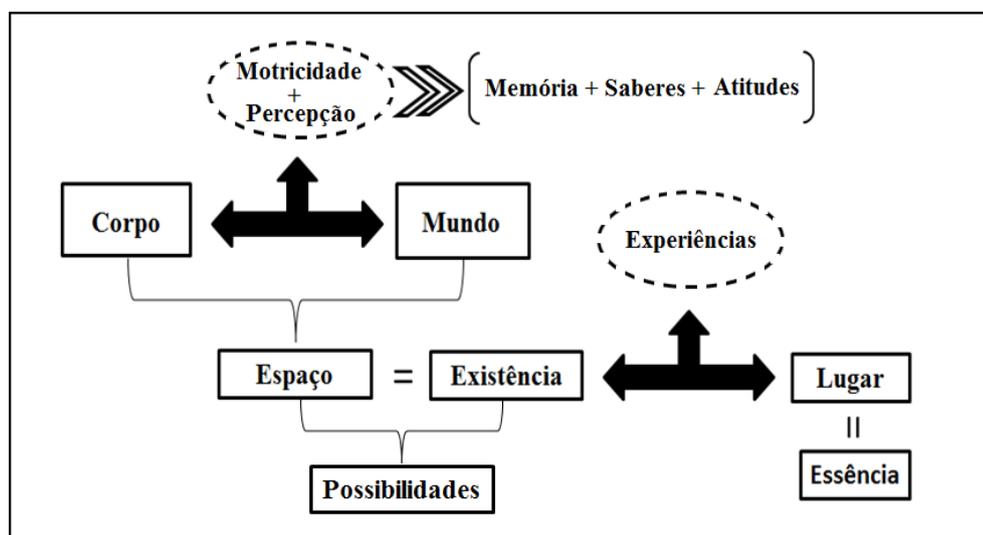
E ainda, diz

Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. E isso me aborrece um pouco. Mas, se tu me cativas, minha vida será cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente de todos os outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra. Os teus me chamarão para fora da toca, como uma música (SAINT-EXPURÉRY, 2015, p. 66).

Antes de iniciar esse diálogo, a raposa havia lançado a curiosidade ao jovem Príncipe a respeito da palavra “cativar”. De forma transitiva direta, o verbo “cativar”

possui um sentido figurativo, que recorre a uma relação de afeto, de manter em sua posse. Do francês, *apprivoiser*, que numa tradução livre é “manso”, designa não necessariamente ao aspecto de dominação, mas de uma profunda relação de cuidados. A etimologia da palavra “manso” sugere a compreensão daquilo que é possível na medida em que se mantém uma sintonia de afeto, do latim *Mansuetudo* = “Nas tuas mãos”. Em síntese, é um exercício desafiador do próprio ser em relação ao outro, em um projeto de “alteridade”, conforme ensina Lévinas (1997).

Cativar é entregar-se ao outro e vice-versa na medida das experiências de afeto, quando somos afetados. Ser cativado ou afetado, no entanto, leva tempo. Quem hoje em dia “perde tempo” com uma pessoa? Afinal, “tempo é dinheiro”, eles dizem... Ora, os adultos são assim! Nas palavras da sábia raposa: “os homens não têm mais tempo de conhecer alguma coisa. Compram tudo pronto nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigo.” (SAINT-EXPURÉRY, 2015, p. 67). Desta maneira, existe uma forte ligação entre lugar e tempo, mediados pelas experiências espaciais (Figura 1).



**Figura 1.** Representação do corpo enquanto existência. **Fonte:** O AUTOR.

O corpo caminha em direção ao mundo. Daí a percepção alinhada à motricidade do corpo, conforme Tuan (2012). Com base em Hölderlin (1994), o mundo por sua vez se constitui enquanto mundo na significação poética da espacialidade, constituindo poeticamente um mundo próprio, um lugar onde a existência é possível de ser.

Nesta movimentação do corpo, no qual Merleau-Ponty (1994) chamou de “corporeidade”, concebe-se o espaço como palco de infinitas possibilidades do ser para o mundo: o ser-no-mundo, dialogando, naturalmente, com o conceito de espaço de Tuan (2013), entendido como “liberdade”, “movimentação”, “dinâmico” e, portanto, “existência”, aproximando-se do sentido que Heidegger (1988) dá a este último termo enquanto *Existenz*.

Existir, portanto, não é somente uma pré-disposição biológica, mas, sobretudo, ontológica de estar abertas as possibilidades de experiências num sentido latente de interioridade, ou seja, do ato de vivenciar o espaço total (abstrato/existência/ “não sentir-se em casa”/ a “estranheza”) em direção ao espaço vivido (concreto/essência/ “sentir-se em casa”/ conhecido). Em outras palavras:

Desse modo, podemos nos remeter a ideia de “mundo” constituído a partir da intersubjetividade humana, que compõe as singularidades dos espaços vividos fazendo deles seus reais “mundos”, trazendo a luz a não mais concepção cartesiana, mas agora, neste momento, a percepção como [...] parte do mundo, sendo a própria retomada da consciência de si mesmo na quadratura do mundo circundante [...] (SILVA, 2015, p. 46).

Este espaço total dialoga com o espaço vivido ou lugar, não em forma de sobreposição ou pretérita entre categorias de análise, mas chamando atenção ao projeto fenomenológico que, segundo Merleau-Ponty (1994), é de repor as essências na existência, ou seja, entendendo a espacialidade humana a partir da facticidade (SILVA, 2015). Na verdade, o espaço é o próprio verbo que se verbaliza como lugar, chamando atenção para *temporalidades* diversas, tanto dos quem ali habitam, quanto dos quem estão de passagem. Só que em meio a essa passagem pode-se encontrar uma raposa sábia que nos cativa.

Portanto, o espaço concebido como existência (*Existenz*) precede o lugar enquanto essência (*Essenz*), ao modo que toda ação já pressupõe o sentido de experiência junto-com outros entes no mundo, rindo ou chorando, mas, sobretudo, vivenciando, sentindo, existindo, conforme nos ensina Sartre (2014). Por esta razão, os diálogos da raposa e o pequeno príncipe descrevem o próprio sentido de lugar tal qual ele é, segundo nossos interesses.

Um vínculo de intimidade se estabelece com o lugar e envolve tanto a natureza quanto as pessoas que ali habitam, mas isso leva tempo, “é preciso ser muito paciente”, como diria a sábia raposa, para conquistar tal intimidade. Há pessoas que são grosseiras com todos, mas são mansas conosco. Essa pessoa foi cativa... Ela se alegra com a minha chegada e se entristece com a minha partida. É nessas idas e vindas que o lugar e a pessoa cativada, misturam-se ao tempo: “se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz” (SAINT-EXPURÉRY, 2015, p. 67).

A jornada de conquista do lugar pelo tempo, ou seja, pela paciência é essencial. No entanto, como todo empreendimento afetivo tem seus riscos, cativar as pessoas e ser cativado também o tem. Sabe que ao sair de seu planeta natal, o Pequeno Príncipe, deixa algo lá que já havia cativo, mesmo sem ter consciência disso. Além do seu lugar, existe sua flor, sua rosa – embora tenha conhecido mais outras cinco mil rosas – que lhe espera em seu pequeno planeta, pois é única. O risco? É que o Pequeno Príncipe será eternamente responsável por ela, pela sua rosa. Deve cuidar dela, ao modo que “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela rosa...” (SAINT-EXPURÉRY, 2015, p. 72), disse a raposa. Somos responsáveis pelos lugares que somos e nos fazemos ser.

## A IMPORTÂNCIA ESSENCIAL DA GEOGRAFIA

Encontra-se em Saint-Exupéry, em seus diálogos com o Pequeno Príncipe, demonstrações discursivas que nos balançam. Em meio ao deserto, portanto, onde o calor e o quase infinito areal trazem consigo o “medo da paisagem”<sup>4</sup>, como diria Tuan (2005), Saint-Exupéry descobre em si a capacidade de continuar sua caminhada, ou seja, no encontro de sua finitude, desvela sua “geograficidade” (DARDEL, 2015) como tentativa de dialogar com o caos de estar no deserto, de que modo, tal caminhada pelo deserto só é possível no contato, nas conversas, sorrisos e alegrias com o Pequeno Príncipe, no qual ambos encontram-se mergulhados numa mesma paisagem – o deserto do Saara, na África.

Neste caminhar, Saint-Exupéry descobre uma geografia instigante que pouco tem a ver com a forma moralista presente na geografia moderna<sup>5</sup>. Ao lado do Pequeno Príncipe, Saint-Exupéry demonstra sua capacidade descritiva, uma geograficidade que se manifesta em espaços outros e o permite continuar, tendo como força motriz a memória do pequeno viajante interestelar. É neste encontro entre-espaços ou, como diria Bhabha (1998), “entre-lugares”, que tanto Saint-Exupéry quanto o Pequeno Príncipe tomam consciência de sua existência e das infinitas possibilidades, emergindo, naturalmente, para além da acumulação do tempo pretérito, o percebido em sua potência descritiva:

E, de acordo com as orientações do pequeno príncipe, desenhei o tal planeta. Não gosto de adotar o tom de moralista. Mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido, e tão grande os riscos para aquele que um dia se perdesse num asteroide, que, ao menos uma vez, abro exceção à minha reserva [...] Foi para advertir meus amigos de um perigo que há tempo os ameaçava, como a mim, e de que nunca suspeitamos, que tanto caprichei naquele desenho. Perguntarão, talvez: “Porque não há nesse livro outros desenhos tão grandiosos como os desenhos dos baobás?” A resposta é simples: tentei, mas não consegui. Quando desenhei os baobás, estava inteiramente possuído pelo sentimento de urgência (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 22).

<sup>4</sup> Nas palavras de Yi-Fu Tuan, “O que são as paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos” (TUAN, 2015, p. 12).

<sup>5</sup> Sobre a geografia moderna, Eidorfe Moreira é pontual, pois nos traz a importância do que ele reconhece como “valor potencial”, que seria a infinita possibilidade e capacidade da significação da coisa em si, deixando de lado, naturalmente, o moralismo existente na prática da ciência geográfica moderna e suas reverberações interpretativas limitadoras ao sentido original da geografia enquanto “descrição da superfície terrestre”, que seria o conhecimento primeiro, a experiência descritiva. Eric Dardel também se guiará nesse sentido ao dizer que existe, de fato, um moralismo na geografia moderna, na ciência moderna de um modo geral, onde essa, ao negar as relações experienciais do homem e da mulher – haja vista que a própria geografia moderna surgiu e, inclusive, necessita saber o que interessa ao homem e a mulher – nega a si mesma: “O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante. Ele somente dá ao termo concreto seu amparo e sua medida...” (DARDEL, 2015, p. 3).

A honestidade em admitir que não se consegue fazer algo, ou seja, admitir as próprias limitações, é um princípio humanista, conforme Sartre (2014). O homem e a mulher não nascem covardes ou heróis, mas simples e complexamente se fazem assim ser, de uma forma ou de outra no mundo, e admitir as limitações é saber respeitar a si e as potencialidades do outro que este é. Saint-Exupéry (2015) se fez na urgência que se apresentou a ele, permitindo que reconstruísse a geografia existencial do Pequeno Príncipe, afinal, em conformidade com Dardel (2015), a geografia é aquilo que interessa ao homem e a mulher. Interessa, nesse momento, reconstruir uma geografia da existência por meio dos desenhos que, até então, foram descartados pelos adultos, mas muito bem recebidos pela criança do deserto. Nesse momento, a imaginação surge como lucidez de viver, capacidade interpreta de unir-se com o mundo a partir das experiências mais íntimas.

Observa-se isso, na seguinte descrição:

Se tento descrevê-lo aqui, é justamente porque não quero esquecer-lo. É triste esquecer um amigo. Nem todo mundo tem amigos. E eu corro risco de ficar como as pessoas grandes, que só se interessam por números. Foi por isso que comprei uma caixa de tintas e alguns lápis. É difícil voltar a desenhar, na minha idade, quando não se fez outra tentativa além de jiboias fechadas e abertas, aos seis anos de idade! Experimentei, é claro, fazer retratos mais parecidos que pude. Mas não tenho muita esperança de conseguir. Um desenho parece passável; outro já é inteiramente diferente. Engano-me também no tamanho. Ora o pequeno príncipe está muito grande, ora pequeno demais. Hesito também quanto à cor do seu traje. Vou arriscando, aqui e ali. Provavelmente esquecerei detalhes importantes. Mas sei que ele vai me perdoar. Meu amigo não dava explicações. Julgava-me talvez semelhante a ele. Mas, infelizmente, não sei ver carneiro dentro de caixa. Sou um pouco como as pessoas grandes. Acho que envelheci (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 19).

A descrição memorísticas é a forma de como Saint-Exupéry encontrou para sentir a presença de seu Pequeno Príncipe. A descrição não como forma de agrupar meramente emoções e palavras, mas como ensina Geertz (2008), de forma densa, onde os detalhes ao máximo sejam revelados enquanto fidelidade àquilo que fomos cativados. Saint-Exupéry (2015), a partir disso, mais uma vez critica as pessoas grandes, viciadas pela demasiada preocupação por números, freneticamente ligadas ao mundo imediatista. Dizem que um bom futuro pertence as crianças, porém, somente se estas não esquecerem, quando adultas forem, que um dia foram crianças. Caso contrário, a ideia de futuro, será apenas uma ideia. Por estas razões, Saint-Exupéry (2015) esquiva-se do mundo adultocêntrico por meio da arte de desenhar e colorir.

Saint-Exupéry convida o/a leitor/a pensar a ciência moderna como se fossem essas “pessoas grandes” que, ao longo de sua formação histórica vem ignorando seu conteúdo sensível de ser, no mundo. Em síntese, associa-se a vida adulta – muitas vezes, quantificadora da realidade – à concepção prática da ciência moderna<sup>6</sup>, que

<sup>6</sup> Faço esta crítica mediante o pensamento de Hiedegger (2007), ou seja, “o erro da ciência moderna, afirma Heidegger, foi reduzir o real ao que a ciência era capaz de medir/calcular. Fazendo isso, o

ao valorizar seu caráter adultocêntrico, desconsidera sua essência resguardada em sua criança, velando a alegria de mundo, cor, luz e sabor. Estes aspectos reverberam na forma como a ciência é concebida no berço da modernidade e, sobretudo, a própria ciência geográfica (HAESBAERT, 1997).

Por meio da experiência, Saint-Exupéry tenta reconstruir a jovem criança do deserto que ele mesmo é ou tentar ser, em suas aquarelas: tamanho, cor e a transitoriedades dos ensaios parecem preocupá-lo. Detalhes importantes que provavelmente Saint-Exupéry esqueceu, normal. Não que ele, de fato, esquecerá, talvez até se lembre de todos os detalhes. Mas para quem foi cativado, sensibilizado pelo outro, afetado, sempre há um ou outro detalhe a esquecer... E esta é a razão de sempre querer lembrar.

Estamos falando de uma geografia vívida, pulsante, que nasce no campo do “querer”, representada na “geografia em ato” de Dardel (2015). Antes de qualquer coisa, a geografia como “querer”, “ato” ou “criação” ou “vontade de potência” é uma libertação da moral cientificista e, naturalmente, uma proposta geográfica para repensar a existência humana. Saint-Exupéry (2015) vai reformulando uma imagem do Pequeno Príncipe, dos momentos compartilhados temporo-espacialmente no deserto, ao modo que, segundo Sartre (2008, p. 4), “a imagem enquanto imagem só é descritível por um ato de segundo grau, com o que o olhar se desvia do objeto para dirigir-se sobre à maneira como esse objeto é dado”.

Por meio desta “consciência reflexiva” ou “imaginação”, a experiência ganha um sentido de descrição de mundo. De um lado, um avião experiente. Do outro, uma criança que nunca dá explicações! Porém, que tudo quer saber. Encontra-se, neste momento, uma outra situação: existe uma crítica por parte do Pequeno Príncipe – ele nunca dava explicações. Este fato se dá na medida em que há uma abertura de contrapartida e, ao mesmo, negação à ciência moderna, e isso, evidentemente, inclui a geografia. Explicar, segundo Moreira (1989), é uma característica dos geógrafos modernos que, ao negarem o valor científico da geografia descritiva, condensam sua própria ignorância sobre a realidade e seus fenômenos a partir de critérios demasiadamente categóricos e representativos.

De um modo geral, a explicação por si mesma é a forma como a ciência moderna encontrou para reduzir o caos que a natureza é ao entendimento de mundo, já dizia Nietzsche (2010). E, ainda, quando aplicada, a explicação recorre às filosofias especulativas, sob a qual lança rapidamente o ser para o mundo, sem um preparo, sem considerar sua formação histórica e o que significa a consciência dessa formação histórica propriamente dita para este ser, como ensina Bachelard (1978). A descritividade geográfica não é a antítese da explicação nem vice-versa, isso porque conforme Dardel (2015) e Moreira (1989), ambas, embora tratadas de forma diferente na prática de pesquisa, são, ainda assim, interconectadas. A descrição já possui, de forma sensível e delicada, a explicação.

---

pensar se limitou à técnica, subvertendo o sentido da própria ciência. O pensamento do sentido nos leva para além do tangível pela ciência medidora” (MARANDOLA JR., 2008, p. 8).

O Pequeno Príncipe, em seu ato não-explicativo, espanta o “adulto” de Saint-Exupéry. Dentro deste embate adulto-criança (explicação-descrição), esbarra-se na imaginação como recurso da consciência capaz de estimular novas reflexões acerca da importância das experiências geográficas como *religare* entre descrição-explicação. A geografia neste momento se desvelaria como a intimidade de descrever a partir do *outro* – e isso sem negar a si mesmo – uma espacialidade que não se limita em formas explicativas<sup>7</sup>, mas como sensível manifestação das possibilidades descritivas.

Esta espacialidade, portanto, surge como intimidade de cada ser com o mundo, que o cerca, no sentido no qual a descoberta dessa *intimidade* revela “[...] o outro como uma liberdade colocada diante de mim, que sempre pensa e quer a favor ou contra mim [...]” (SARTRE, 2014, p. 34). Saint-Exupéry e o Pequeno Príncipe vão desvelando esta intimidade existencial, que é geográfica, na medida de seus intensos contatos, descrições, nos fazendo refletir sobre um sentido humanista na geografia, mediados, naturalmente, pela natureza. A paisagem do deserto e outras paisagens que se abrem no decorrer dessa experiência.

Saint-Exupéry (2015) estimula a pensar um novo sentido para geografia, ao modo que toda sua “consciência reflexiva” surge a partir das experiências, voando e/ou andando pelo deserto, entre céu/terra, deuses/mortais. Mas este sentido transcende a experiência como mera concepção de quem se desloca sobre vários lugares. Na verdade, fala-se do ser-em-situação que fala Dardel (2015), inspirado na fenomenologia de Heidegger, isto é, experiências vividas em diversos espaços e temporalidades que afetam a percepção e sentido de vida.

O “ser-no-espaço [situação]” de Heidegger (1988) manifesta-se nesta íntima ligação, podendo ser exemplificado pela ligação que Saint-Exupéry (2015) possui com o “espaço aéreo”, mas agora, caído no deserto, desvelado no “espaço telúrico”, como diria Dardel (2015), demonstra a capacidade indissociável do ser em um ser-sendo constante, de modo que “o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retoma-os em sua significação original, que se esvaia na banalidade das situações adquiridas” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 149).

Partindo do princípio no qual “o homem inteiro é ontologia”, como diria Lévinas (1997), questionar o sentido da geografia por meio destas reflexões é, no mínimo, retornar a sua origem, a “geograficidade” de Dardel (2015), isto é, a sua essência que, por sinal, diz muito mais respeito à intimidade de homens, mulheres e crianças com a Terra do que propriamente uma explicação em si sobre a realidade geográfica, matematizada por empreendimentos temerários. Portanto, uma ontologia geográfica se desvela em meio as aventuras de Saint-Exupéry (2015), como forma de repensar a experiência no aspecto existencial em caminho ao entendimento do ser-em-situação-espacial que todos nós somos no mundo, na facticidade humana (SILVA, 2015).

---

<sup>7</sup> “[...] Isto significa que o mundo não é em primeiro lugar em si mesmo o que explicam as filosofias especulativas ou a abertura do campo primordial, mas sim que ele é em primeiro lugar o que aparece à consciência e a ela se dá na evidência irrecusável de sua vivência” (DARTIGUES 1973 *apud* HOLZER, 1998, p. 60).

Neste momento, retorno a reflexão inicial só que com um enfoque, talvez, diferente: como repensar a ciência geográfica a partir das experiências d'O Pequeno Príncipe? Como a obra nos proporciona pensar a importância da geografia em sua essência? Vale ressaltar, para tanto, o que se entende por ciência geográfica, sem, no entanto, nos remetermos a sua história, mas, como já fora dito, a partir da narrativa de Saint-Exupéry (2015). Não se trata de realizar uma reflexão filosófica sobre a obra *O Pequeno Príncipe*. Todavia, não se nega tal caráter interpretativo.

Trata-se de ressaltar o caráter geográfico na obra e como essa complexidade de pensamento reverbera para que (re) pensemos a ciência geográfica a partir da imaginação, do lugar, da experiência. Daí a importância do *humanismo* guiado pela *fenomenologia* presentes no pensamento de Eric Dardel, Eidorfe Moreira e Yi-Fu Tuan que anunciam, de um modo geral, o mérito das experiências para os estudos geográficos.

Em um primeiro momento da obra, Saint-Exupéry anuncia uma breve angústia, logo quando ainda é muito jovem. Na época, tinha seis anos de idade e já fora desencorajado a prosseguir no mundo artístico como desenhista pelos adultos, que nunca o entendia. Saint-Exupéry (2015, p. 8) desenhava, inicialmente, jiboias, mais especificamente, “uma jiboia digerindo um elefante”, que para os adultos, ou como ele prefere chamar, “as pessoas grandes”, não passava de um chapéu, demonstrando, de um modo geral, o padrão figurativo em face ao espírito dos adultos, as “pessoas sérias”. Saint-Exupéry adorava conversar sobre jiboias, florestas virgens e estrelas, no entanto, tal vontade deparava-se constantemente com a realidade adultocêntrica que o cercava:

As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas e a me interessar de preferência pela geografia, pela história, pelo cálculo e pela gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma magnífica carreira de pintor. Eu fui desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, sempre e sempre estar explicando (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 8).

E ainda:

Quando encontrava uma [pessoa] que me parecia um pouco lúcida, fazia com ela a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela entenderia o desenho. Mas sempre ela me respondia: ‘É um chapéu’. Então eu não lhe falava de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Colocava-me no seu nível. Falava de bridge, de golfe, de política e de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão razoável (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 9).

Existem infinitas questões a serem trabalhadas neste momento, destacando-se duas: 1) Quando Saint-Exupéry pronuncia que as “pessoas grandes” não entendem seus desenhos, na verdade, creio que se trata de um direcionamento não compreensivo ao próprio sujeito que produz a arte, ou seja, um não entendimento do

“porque” de se desenhar “jiboias fechadas ou abertas”; de uma criança recorrer a uma carreira cuja sua iniciação a mesma é o desenho de tais animais. Nesse sentido, as “pessoas grandes”, mesmo não percebendo, isso porque segundo Saint-Exupéry (2015), estas só percebem o aparente, acabam questionando não a essência do desenho, da arte, mas seu aspecto puramente técnico e figurativo. Por estas razões, o sentimento de tristeza, angústia se fez presente e o acompanhou por toda sua vida.

Um sentido ontológico emerge daí, pois afeta o seu ser, afinal, o artista só se reconhece em sua obra. Portanto, as “pessoas grandes” não estavam limitando somente a obra de arte de Saint-Exupéry em si, mas, sobretudo, seu modo de ser, perceber e sentir o mundo; 2) Imagino, neste momento, Saint-Exupéry como Diógenes de Sinope<sup>8</sup>, que pelas ruas de sua cidade, pairava, com um cajado e lamparina em mãos, a procura de pessoas sinceras, livres de espírito e assossegadas em sua própria lucidez. Em sua medida esperançosa, Saint-Exupéry esperava por uma pessoa assim, lúcida, que pudesse entender seus desenhos, portanto, compreender seu modo de ser-no-mundo. Nesse momento o autor começa a estabelecer seu lugar de fala, anunciado suas mudanças e permanências.

De forma procedente, é necessário que se perceba o sentido do sentido, ou seja, a essência que se mostra na medida da existência, das experiências. Entende-se a “criança” e as “pessoas grandes” num sentido metafórico. As crianças sendo a esperança, a essência que nunca pode ser perder em meio a tantas turbulências da modernidade, cada vez mais líquida, segundo Bauman (1997), incluindo o modo como se concebe a ciência nessa estrutura de pensamento. Em outras palavras, as crianças seriam a essência da ciência (geográfica) e as “pessoas grandes” a aparência, figurativamente constituída e explicativa. No entanto, vale deixar claro que ambas as dimensões, essência (subjetividade) e aparência (objetividade), embora tão diferentes, uma não é antítese da outra, ao modo que suas naturezas estão intrinsecamente envolvidas num diálogo relacional (WRIGHT, 2014).

É nesta *relação* que se concebe a importância da geografia em sua essência ontológica, ao modo que se analise a geografia enquanto ciência, ou seja, a partir do século XIX, dentro de um aparato de sistemas lógicos que justificam a existência dos fenômenos e suas diferenciações dos lugares e paisagens, pode-se tranquilamente associá-la as “pessoas grandes” de Saint-Exupéry (2015), que tudo exige e que demasiadamente exige explicações, algo cansativo e que atende as demandas tecnicistas da realidade humana, tornando-se, por conseguinte, contraditório, afinal, segundo Nietzsche (2010), a realidade humana é um eterno vir a ser constante, um reinventar-se na busca de tornar-se àquilo que é.

A importância da geografia, nesse sentido, não se aplicaria na necessidade comparativa entre os lugares e paisagens, somente, tampouco em sua necessidade sufocante de explicar as coisas<sup>9</sup>, mas em descrever o fenômeno no cambiante fluxo

<sup>8</sup> Diógenes de Sinope (404 ou 412 a.C. – 323 a.C.), também conhecido como Diógenes, o Cínico, foi um filósofo da Grécia Antiga.

<sup>9</sup> Explicações no sentido de Eidorfe Moreira, ao dizer: “Ao geógrafo não interessa o estudo dos detalhes e particularidades naturais, o estudo da Natureza em termos restritos, portanto, como

à quem se dispõem a conhecer. Por exemplo, quando Saint-Exupéry (2015, p. 8) descreve: “Voei por quase todos os lugares do mundo. E a **geografia**, é claro, me serviu muito. Eu sabia distinguir, ao primeiro olhar, a China e o Arizona. Isso é muito útil quando se está perdido na noite”. A geografia, enraizada no saber do aviador, lhe permitiu perceber a sinuosidade geomorfológica da China e do Arizona, dentre outros aspectos. No entanto, embora o aviador descreva o potencial da visão para distinguir tais lugares, ao modo que a visão é um dos sentidos mais importantes para perceber o mundo a percepção não se limitaria na dimensão ocular (TUAN, 2013).

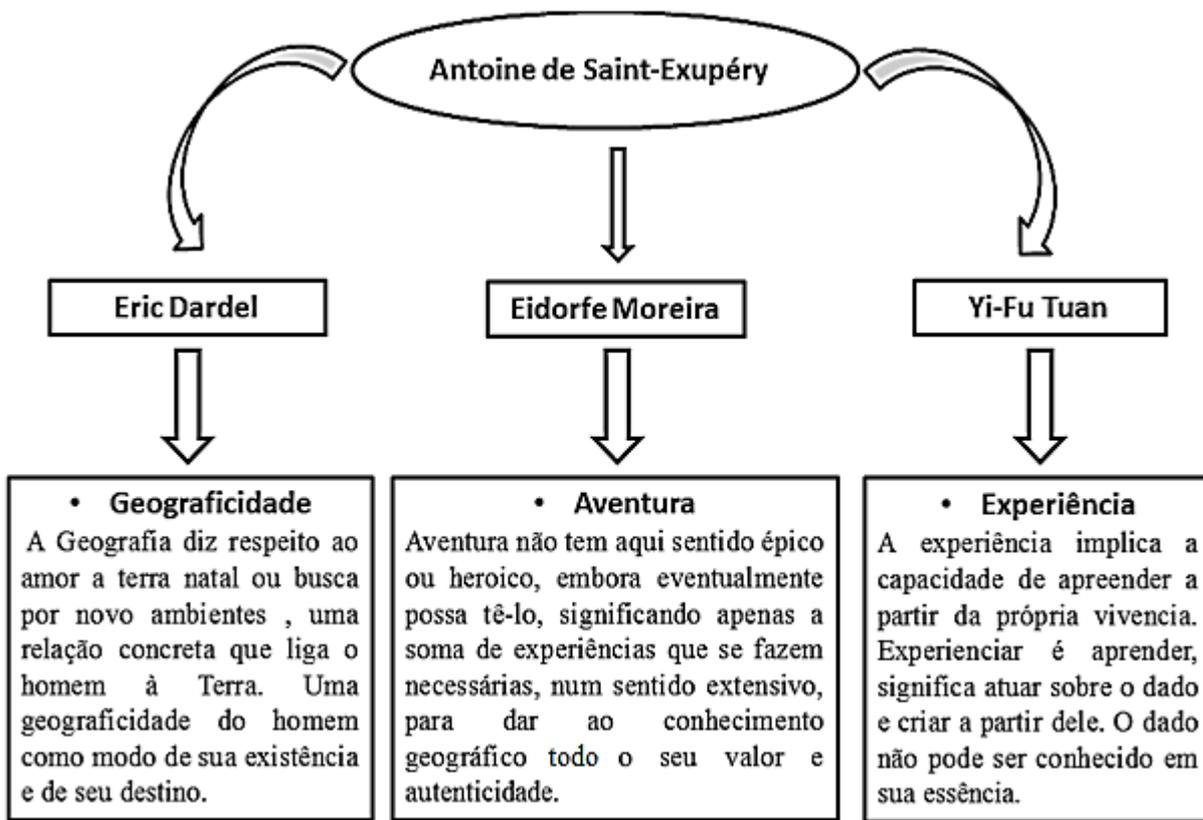
O aviador ao se aproximar da China ou do Arizona, percebe, a priori, com os olhos, mas não somente ver com eles. A paisagem de tais lugares não é distinguida somente por tudo aquilo que olhos alcançam, mas com o corpo que, em sua totalidade, sensibiliza-se na aproximação-distanciamento da China e do Arizona, por exemplo. Logo, Saint-Exupéry não somente com os olhos ver, mas com o corpo existente, sentindo as mudanças da pressão atmosférica, a densidade das nuvens e o maravilhamento dos grandes dobramentos modernos. E nesse momento, a geografia, ou melhor, o saber geográfico, transcende a linguagem de posse do mundo e ecoa, tranquilamente, como experiência daquele que fez do ato de voar um modo de ser, no mundo.

Quando Saint-Exupéry (2015) afirma que a geografia o “serviu”, creio que não devemos associar ao ato da servidão. Na verdade, a importância da geografia está em justamente em crer, que essa não serve aos homens nem as mulheres, mas surge como uma ponte, que pela qual se constrói novas relações que atualiza o homem e a mulher as suas necessidades existenciais no mundo, nos aproximando daquilo que Dardel (2015) chamaria de “geograficidade”. Esta geograficidade ou o amor que sentimos por nossa Terra natal, inquietude indecifrável de se aventurar pelo mundo, como fez Saint-Exupéry, é a essência da geografia. Há, neste momento, pelo menos três fatores conectivos entre geografia e Saint-Exupéry: 1) da geograficidade; 2) do sentido de aventura; 3) da experiência. Observa-se a figura 2.

---

também não o interessam abstrações ou distinções conceituais a seu respeito. Não o interessam, por exemplo, distinções como a de Kant entre Natureza e Mundo ou a de Spinoza entre **Natura naturans** e **Natura naturata**. Para ele a Natureza é sempre um dado dimensional concreto – o mundo exterior considerado nas suas magnitudes cênicas – e com isso queremos dizer o mundo exterior visto em termos paisagísticos ou panorâmicos” (MOREIRA, 1989, p 20).

---



**Figura 2** - Fatores conectivos entre geografia e Saint-Exupéry. **Fonte:** O AUTOR.

Antoine de Saint-Exupéry, em meio aos relatos das aventuras do Pequeno Príncipe, vai anunciando um aspecto fundamental que, muitas vezes, passa despercebido aos olhares apressados: a importância da imaginação em seu potencial geográfico para pensar e aprender sobre o mundo e os elementos que o compõe, seja a natureza física, sejam com outros seres humanos, com um conjunto de características próprias, porém indissociáveis na esfera do pensamento<sup>10</sup> – o que eu sou e o que o mundo é em termos de significação. Daí a elementar aproximação com a geografia fenomenológica e existencialista de Eric Dardel, Eidorfe Moreira e Yi-Fu Tuan, pois estes, cada um à sua maneira, nos lançam o desafio do caráter descritivo de mundo ao invés da convencional explicação de mundo.

A geografia diz respeito ao amor que homens e mulheres possuem pela terra de origem, mas também pela inquietude por novos lugares. A aventura do Pequeno

<sup>10</sup> Entende-se esta dimensão conforme Nietzsche, onde cada forma de pensamento carrega consigo uma emoção, sob a qual, em conjunto com a percepção, diz respeito à noção global das experiências vividas, onde ele diz: “Todo pensamento, toda sensação, toda volição, *longe de nascer de um instinto único e definido*, é um estado global, é a superfície inteira de todo o consciente, tal como resulta do equilíbrio de força momentâneo entre todos os nossos instintos constitutivos – tanto o instinto dominante nesse instante como aqueles que lhe obedecem ou lhe resistem. O pensamento seguinte indica como a posição respectiva das forças mudou no intervalo” (NIETZSCHE, 2010, p. 356 [grifo meu]).

Príncipe diz muito sobre essa premissa que, por sua vez, recorre à experiência como ícones referencial para a significação de mundo. A importância da geografia, nesta primeira instância, está na compreensão no qual, enquanto *graphia*, não surge como mero meio comunicativo entre ser-mundo, mas como um impulso latente para o descobrimento, a possibilidade, para o poético da existência, para a curiosidade de onde emana a imaginação e *alimenta a lucidez de viver* (SAINT-EXUPÉRY, 2015).

O Pequeno Príncipe é um geógrafo por excelência na medida em que questiona a existência de outros mundos e os deseja conhecer ao mesmo tempo. Em suma, emprestando o pensamento de Dardel (2015, p. 1), o Pequeno Príncipe sente uma “vontade intérprete de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes”. Em outras palavras, existe uma “geografia em ato” a ser desvelada no cambiante fluxo das experiências do jovem Príncipe de Saint-Exupéry. Nesse percurso, o Capítulo XV, onde o Pequeno Príncipe encontra um novo planeta:

[...] Era habitado por um velho que escrevia livros enormes.  
 - Vejam! Eis um explorador! – exclamou ele logo que viu o pequeno príncipe.  
 O pequeno príncipe sentou-se à mesa, um pouco ofegante. Já viajara tanto!  
 - De onde vens? – perguntou-lhe o velho.  
 - Que livro é esse? – perguntou o pequeno príncipe. – Que faz o senhor aqui?  
 - Sou um geógrafo – respondeu o velho.  
 - O que é um geógrafo? – perguntou o pequeno príncipe.  
 [...] (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 51).

O pequeno príncipe, depois de tanto viajar, cansado, chega a um novo planeta, o sexto em sua contagem, onde um velho que escrevia livros enormes. Curiosamente, o jovem Príncipe direciona a seguinte pergunta ao habitante do sexto planeta: “O que é um geógrafo?”. Existe uma filosofia por trás desse questionamento. Uma filosofia que transcende a concepção positivista de mundo. E tem sua resposta: “É um estudioso que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos”, disse o geógrafo e, logo em seguida, uma afirmação entusiasmada: “Eis, afinal, uma verdadeira profissão!”, disse o jovem Príncipe (SAINT EXUPÉRY, 2015, p. 51).

À vista disso, neste momento, cabe a seguinte reflexão: ser geógrafo é somente saber onde se localizam os *signos* da Terra, isto é, os mares, os rios...? Evidentemente que a geografia e ser geógrafo não se reduzem a isso, a simples informação locacional. Existe uma hermenêutica em meio esse questionamento que diz muito respeito ao trato histórico direcionado a ciência geográfica e sua prática descritiva do que propriamente ao fator localização. Trata-se de ressalvar, quantas vezes for possível, a existência de uma relação cósmica, portanto geográfica, entre o ser que somos e nossas ações no mundo circundante.

Por isso a importância da prática descritiva, como ensina Eidorfe Moreira. Em outras palavras, com base em Dardel (2015, p. 40) inspirado em Merleau-Ponty, “a geografia se dirige, além do saber e da inteligência, ao próprio ser humano como pessoa e sujeito. Um elemento onde o ser humano não é o mestre interventor,

geralmente inconsciente, na sua experiência geográfica”. De um modo geral, esta é a sedimentação epistemológica para pensar a hermenêutica do sentido de ser geógrafo, isto é, sua essência por meio da experiência geográfica com a natureza, como também nos orienta Buttimer (1969).

A geógrafa Livia de Oliveira, inspirada, sobretudo, em Jean Piaget e Yi-Fu Tuan, escreve um artigo intitulado *Que é Geografia* (1999), algo que nos estimula a cogitar esta ciência como instrumento transformador da realidade. Além disso, a geógrafa nos traz a importância da geografia em seu trato humanista e cognitivo, ao dizer, por exemplo, que “não se pode esquecer que o desenvolvimento da noção de espaço está submetido ao fator idade, variando desde crianças, adolescentes, adultos, até os mais velhos” (OLIVEIRA, 1999, p. 91).

Não é a toa que Yi-Fu Tuan na obra *Espaço e Lugar* (2013) afirma que a criança é o pai do homem, e isso implica no deslocamento epistêmico da geografia de suas heranças dualistas, que muito tem a ver com a física Newtoniana e a matemática cartesiana, para um posicionamento profundo do entendimento e esclarecimento onde as dimensões – tais como experiência, memória, consciência, etc. – estão envolvidas e, inclusive, interconectadas, misturando-se na aquarela que é o espaço geográfico e contribuindo para a descritividade da “noção de espaço” (OLIVEIRA, 1999).

Esta “noção de espaço” anunciada por Livia de Oliveira é o despertar do ser para o mundo. Ter noção de algo é compreender que se faz parte desse algo, de um todo, respeitando, evidentemente, as particularidades. Para Yi-Fu Tuan (2013), esta noção diz respeito ao trato humanista nos estudos geográficos, humanismo, portanto, que está ligado às experiências humanas que se abre para a vontade de maravilhamento de mundo – algo que se perde no discurso do geógrafo que, ao conversar com o Pequeno Príncipe, no sexto planeta, diz: “O geógrafo é muito importante para ficar passeando”. A sensibilidade de aventurar-se por outros lugares é fundamental para o conhecimento de mundo e de si mesmo. O geógrafo do sexto planeta não sabia se existiam rios e florestas em seu próprio planeta. Ele sabia o que chegava a ele, pois não saía de seu gabinete, de seu conforto (que é material e epistêmico):

[...] Há uma falta absoluta de exploradores. Não é o geógrafo que vai me contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos, os desertos. O geógrafo é muito importante para ficar passeando. Ele não abandona a sua escrivaninha. Mas recebe os exploradores, interroga-os, anota as suas informações. E se as informações de alguns lhe parecem interessantes, o geógrafo faz uma investigação sobre a moral do explorador (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 52-53).

O geógrafo do sexto planeta revela que há uma nítida diferença entre ser geógrafo e ser explorador. Nesse sentido, o geógrafo jamais pode ir a campo, não pode largar sua máquina de escrever. O geógrafo que se aventura por terras incógnitas perderia sua honra e tudo a ser escrito, a partir de suas próprias experiências em terras distantes, desafiaria sua dignidade científica, tornando-se banal. Fala-se, nesse

momento, do ato descritivo, sua importância e, ao mesmo tempo, o demérito, este último por parte da Geografia Moderna<sup>11</sup>

Sabe-se que hoje este pensamento ortodoxo ainda insiste em permanecer. Ainda assim, cabe a quem se permitir, compreender que ser geógrafo/a é se lançar ao desconhecido, de forma criativa, indo para além da razão dedutiva, aproximando-se da experimentação dos sentidos de vida e lugar. Em outras palavras, segundo Eidorfe Moreira, “...A rigor, não há Geografia sem aventura, por que não pode haver Geografia sem ultralidade de nosso horizonte habitual, quer dizer, sem experiências que ultrapassam o círculo de imitação das nossas cotidianidades” (MOREIRA, 1989, p. 16). Sem essa vontade, portanto, não há como ser geógrafo.

A obra *O Pequeno Príncipe* fora escrito na década de 1940 na Europa ocidental, e isso implica em analisar, de um modo geral, o papel social não somente do/a geógrafo/a nessa conjuntura, mas das ciências humanas em seu aspecto humanista – conforme entende Sartre (2014) sobre o termo “humanismo”. Trazendo para os dias atuais, cabe ao mesmo tempo refletir se essa geografia de aspecto economicista (de base materialista-histórica e dialética) e positivista, ainda é interessante para compreender as atuais conjunturas locais-globais.

À vista disso, essa “pegada” humanista de Saint-Exupéry demonstra que a geografia enquanto experiência vivida não é uma subcampo responsável em estudar somente a estrutura física da Terra e suas localizações, mas é, sobretudo e antes de qualquer coisa, um processo descritivo e interpretativo, uma hermenêutica das experiências humanas, com o objetivo “*of achieving a better understanding of man and his condition*” (TUAN, 1976, 266). A noção de espaço, por conseguinte, assume a compreensão de quem o desvela enquanto espaço experienciado em sua condição humana, tomando posse do tempo na construção da própria história de vida, em meios, é claro, das aventuras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS OU SAINDO DO DESERTO...

O deserto é uma paisagem metafórica presente em vários ensinamentos, de cristãos à Hare Krishna's, de budistas à islâmicos, demonstrando um lugar de passagem onde as dificuldades se fazem presente de forma intensa e constante para testar nossa capacidade de resignificação e transcendência, enfim, nossa fé. Saint-Exupéry precisou transformar seus valores de mundo “adultocêntrico” para sobreviver no deserto. E isso somente foi possível no contato com o *outro*, quer dizer, no encontro consigo mesmo na medida proximal com o pequeno príncipe que ele é mesmo, mas fora reprimido por diversas razões. A paisagem desesperadora, que produz medo, manifesta também outro sentido ao passo que Saint-Exupéry é cativado (*apprivoiser*) pela jovem criança.

---

<sup>11</sup> Segundo Eidorfe Moreira, os geógrafos modernos estão muito mais preocupados em explicar os fenômenos que entendê-los em sua profundidade: “De um modo geral, descrever significa para o geógrafo moderno uma função destituída de mérito científico, função conseqüentemente negativa, tornando-se como tal um fator de descrédito para os estudos geográficos...” (MOREIRA, 1989, p. 33).

O deserto, pelo tempo afetivamente compartilhado entre o aviador e o Pequeno Príncipe, deixa de ser somente uma paisagem do medo, configurando-se, nesse sentido, como um lugar. Uma filiação paradoxal surge nesse momento: “Esta é, para mim, a mais bela paisagem do mundo, e também a mais triste...” (SAINT-EXPURÉRY, 2015, p. 93). É um paradoxo, pois anuncia tanto o sentimento de *topofobia* quanto de *topofilia*, trabalhados por Yi-Fu Tuan (2012) como percepções antagônicas que se complementam para compreensão da paisagem em sua totalidade. Além disso, segundo Nunes (2009), o paradoxo é justamente o que fundamenta o *Dasein*, o ser-aí. Esse jogo entre incertezas é a essência da complexidade que é o lugar.

A geografia anunciada pela obra *O Pequeno Príncipe*, tem como ícone referencial a experiência para repensar a geografia para além de uma mera disciplina ou simplesmente gestada pela ciência moderna. A obra demonstra, por meio dos diálogos presentes nas viagens do menino interestelar, uma geografia enquanto fonte de liberdade, portanto, responsabilidade consigo e com outro. A alteridade, conforme Lévinas (1997), destaca-se nesse pensamento que pulsa mediante os encontros, sejam eles bons ou ruins. Para além do bem e do mal, o menino interestelar desvela alguns seguimentos importantes para repensar a importância do sentido geográfico para quem se dedica a tal função: o geógrafo, por excelência, sobretudo em seus diálogos no sexto planeta.

Outro ponto interessante na obra é a capacidade que o Pequeno Príncipe tem de se articular com as adversidades que a ele surgem. Andar pelo deserto e viajar mundo a fora não é algo fácil e requer fôlego. O Pequeno Príncipe, portanto, é um viajante, um aventureiro. É justamente esse aspecto que o torna um geógrafo sem necessariamente ter realizado tal formação acadêmica. Esse fato transcorre durante toda a obra ao modo que, segundo Dardel (2015, p. 1), “...a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva”. Essa “inquietude”, no qual fala Eric Dardel, é a “geograficidade” (*géographicité*) na qual o Pequeno Príncipe estabeleceu sua existência e seu destino.

O Pequeno Príncipe, jovem interestelar que demonstra sua geograficidade ao aventurar-se por terras incógnitas. Essa vontade de “conhecer o desconhecido”, como diria Dardel (2015), é a “geografia em ato” ou “vontade de potência”, segundo Nietzsche (2010), de querer conhecer sem, necessariamente, explicar. Portanto, a obra *O Pequeno Príncipe* coloca em questão a importância de mergulharmos no sentido mais profundado das coisas, daquilo que nos conecta com tudo que nos cerca. Daí a geografia, presente na obra, de se fazer fundamental nos debates contemporâneos sobre a relação sociedade, lugar e natureza, justamente porque a obra *O Pequeno Príncipe* descreve a geografia como modo de existência, reelaborando constantemente a percepção de mundo.

O Pequeno Príncipe viajou por vários mundos, conheceu pessoas, conversou até com uma sábia raposa e uma esperta cobra do deserto. Mas, o que isso significa? Desse ponto de vista, a geografia começa a se manifestar como elo entre as possibilidades e o já conhecido, isto é, entre aquilo que já foi cativado e o que pode ser cativado. Ambas são incertezas, no entanto, por conta do tempo e da memória

afetiva, àquilo que já foi e o que pode ser começa a revelar uma certeza – de que o jovem viajante tem um lugar e que, embora tenha conhecido outros, apenas um pertence a ele. Dentre cinco mil rosas, somente uma a cativou.

O Pequeno Príncipe fica triste, chora, sorrir, pois sabe que tem um lugar a sua espera, isso porque, segundo Tuan (2013), enquanto o espaço é agitado, dinâmico, o lugar, nosso lugar é “parado”, evidentemente que sofre modificações com o tempo e, por isso, lugar é tempo lugarizado. Quando algo ameaça nosso lugar, como bem fazem os Baobás no planeta do Pequeno Príncipe, entramos em desespero e lutamos contra isso. Assim são as populações do campo e da cidade na luta árdua e cotidiana pela defesa de seus lugares, de seus territórios, pela dignidade de viver como direito público.

Nessa perspectiva, O Pequeno Príncipe levanta questionamentos sobre nossa postura moral e ética enquanto geógrafos. Posturas essas que dizem muito mais a respeito de nosso engajamento com a geograficidade presente nas experiências de homens, mulheres e crianças que propriamente em seu aspecto lógico e explicativo de mundo. Assim, não se pretende esgotar as infinitas possibilidades da obra, mas trata-se de uma abertura ou contribuição para outros engajamentos que, antes de qualquer coisa, devem procurar questionar nossa postura enquanto professores/as e pesquisadores/as de geografia.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível (código de financiamento 01).

## CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

**Concepção:** Felipe Kevin Ramos da Silva. **Metodologia:** Felipe Kevin Ramos da Silva. **Análise formal:** Felipe Kevin Ramos da Silva. **Pesquisa:** Felipe Kevin Ramos da Silva. **Escrita do artigo:** Felipe Kevin Ramos da Silva. **Revisão:** Felipe Kevin Ramos da Silva.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. A poética do espaço. In: BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Joaquim José Moura Ramos et. al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- BHABHA, H. K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BUTTIMER, A. Social space in interdisciplinary perspective. **Geographical review**, p. 417- 426, 1969.

- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HAESBAERT, R. Território, poesia e identidade. **Espaço e cultura**, n. 3, p. 20-32, 1997.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 2ª ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- HÖLDERLIN, F. **Reflexões**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante e Antônio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- HOLZER, W. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar**: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- HUMBOLDT, A. V. **Cosmos**, ó Ensayo de una descripción física del mundo. 2 vol. Córdoba: Atilis. 2005.
- LÉVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MARANDOLA JR, E. J. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. Tese (Doutorado Geografia). UNICAMP, Campinas, SP: [s.n.], 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MOREIRA, E. Ideias para uma Concepção Geográfica da Vida. In: **Obras reunidas de Eidorfe Moreira**. Belém: CEJUP, 1989.
- NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**. Tradução: Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2010.
- NUNES, B. **A Clave para o Poético**. Organização e apresentação: Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- OLIVEIRA, L. Que é geografia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, Ano 11, n. 21 e 22, p. 89-95, jan./dez. 1999.
- SAINT-EXPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. 1ª Ed. São Paulo: Escala, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. de João Batista Kreuch. 3 Ed. Rio de Janeiro: Vozes editora, 2014.
- SILVA, A. C. da. A aparência, o Ser e a forma – geografia e método. **GEOgraphia**, v. 2, n. 3, p. 7 – 25. 2000.

SILVA, F. K. R. **Geografia e Fenomenologia**: por uma ontologia do espaço e do lugar. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Geografia). Universidade do Estado do Pará, Belém-PA, 2015.

\_\_\_\_\_. **Memória, Percepção & Experiência**: a geopoética do habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (Pará). Curitiba: CRV, 2020.

TUAN, Y.-F. Humanistic geography. **Anais da Associação de Geógrafos Americanos**, v. 66, n. 2, pág. 266-276, 1976.

\_\_\_\_\_. **Paisagens do medo**. São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**: a perspectiva experiência. Trad. Lívia de oliveira. Londrina: Eduel. 2013.

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.



Revista Geonorte, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Brasil. Obra licenciada sob Creative Commons Atribuição 3.0